

De João Gaspar Simões Sobre Fran Martins

“Tendo-me chegado às mãos, entretanto, o livro de contos *Mar Oceano*, de Fran Martins, edição da revista Clã, de Fortaleza, o volume de onde foi extraído o conto que figura na Antologia da Revista Branca, o qual vinha acompanhado do romance do mesmo autor. O Cruzeiro tem cinco pontas, edição da mesma revista Clã, aquele de 1948, este de 1950, verifico que Fran Martins se me apresenta como um dos melhores contistas novos que conheço não só no Brasil, mas em Portugal também. E isto não o afirmo sem uma intenção especial. O autor de *Mar Oceano*, tal como Graciliano Ramos ou Lins do Rego, para não citar Monteiro Lobato ou Mário de Andrade, permite-me, com inteira confiança, considerá-lo escritor da nossa língua comum embora sem que eu deixe de reconhecer o caráter genuinamente brasileiro do seu estilo literário. Encontro-me em terreno conhecido quando leio a prosa de Fran Martins. Há nela aquele mínimo de formas que me deixam distinguir os contornos do seu corpo verbal e perceber que os seus membros sintáticos são os membros de um ser que anda caminhando com a cabeça nos ombros, o tórax voltado para a frente, as pernas articulando, normalmente, os seus movimentos, de modo a que os pés, pisando no chão, ora o direito, ora o esquerdo, desloquem todo o corpo num ritmo de locomoção que imprime dignidade e caráter à sua figura permitindo que, só com olharmos para ele, possamos dizer sem receio de errar estarmos perante um ser vivo, – um estilo, uma língua literária um instrumento verbal com dignidade estética”.

.....

Eis algumas razões para eu ser prudente quando me atrever a formular juízos sobre a literatura de ficção dos novos escritores brasileiros. E se o não for sempre tanto quanto seria para desejar – que os jovens ficcionistas do Brasil me perdoem, castigando-me

da maneira mais eficaz, isto é, voltando costas aos meus juízos. Sobre Fran Martins vai pesar a responsabilidade da minha ousadia. Dos seus dois últimos livros já me ocupei do meu último artigo. E se o faço, volto a repetir, porque *Mar Oceano*, particularmente, me parece denunciar um desses escritores de ficção que eu posso ter a veleidade de saber interpretar na perspectiva do absoluta.”

Cascais, 1/12/50.